ANNO 6.º — Sexta-feira, 2 de Maio de 1913 — NUMERO 270

O DEMOCRATA

(AVENÇA)

SEMANÁRIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

ASSINATURAS (pagamento adiantado)

Ano (Portugal e colónias) . . . . Esc. 1,20
Semestre . . . . « 0,60
Brasil e estranjeiro (ano) moeda forte . . « 2,50
Avulso . . . . « 0,02

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, R. Direita, n.º 54

DIRECTOR E EDITOR — ARNALDO RIBEIRO

Propriedade da Emprêsa do DEMOCRATA

Oficina de composição, Rua Direita—Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luís de Camões

ANÚNCIOS

Por linha . . . . 4 centavos
Comunicados . . . . 2 centavos
Anúncios permanentes, contracto especial.
Toda a correspondência relativa ao jornal, deve ser dirigida ao director.

Caminho errado

Noutra parte dêste jornal vão sucintamente narrados os sucéssos que na madrugada de domingo se produzíram em Lisboa e tivéram como epilogo a prisão de várias personagens que neles se julga terem responsabilidades directas.

Procurando saber as causas determinantes de tão estranhos como injustificados acontecimentos, naturalmente percorremos todos os jornais, prescutámos a opinião deles, lêmos-lhe as entrelinhas mas—coisa curiosa—nenhuns elementos de lá podémos extraír que nos habilitem a fazer um outro juizo diferente daquele que primitivamente fizémos ao vêr envolvidos nos tumultos conhecidos republicanos, oficiais do exercito com serviços ás instituições, emfim, gente de quem não era licito esperar uma restauração monarquica mas que evidentemente prestavam um mau serviço á Republica.

Com efeito não é de molde a merecer a nossa aprovação a tentativa revolucionária de que a capital foi teatro e que só uma absecação de ideias ou uma falsa compreenção de deveres poderia ter levado esses espiritos irrequiétos á prática dum atentado revoltante, como foi o de domingo, contra a Constituição do país onde assenta toda a obra progressiva de rejuvenescimento nacional.

Não se compreende, não é facil atinar com os desejos déssa meia duzia de desvairados ao pôrem em sobresalto a nação, que tanto anceia por que se desvaneçam as frequentes preocupações, que a avassalam, sem se lembrarem dos gràves prejuizos e não menos gràves perigos que da desordem lhe possam advir.

E' triste o que se passa em Portugal. Profundamente triste a orientação de creaturas que deviam ser as primeiras a dar o exemplo de que o povo caréce para se conduzir de fórma a não crear dificuldades nem obstaculos á marcha patriotica do govêrno, mas que não pódem resistir á ambição do mando que as domina, aos constantes repelões do seu espirito indisciplinado, que as arrasta e impéle a manifestarem-se da maneira que se viu.

Poderemos nós viver eternamente assim? Respondam os nossos governantes e com eles todos quantos a Republica consagrou, tornando-os responsaveis pelo bem estar social e, o que é mais, pelo socêgo e integridade da nação.

Se ha quem trilhe caminho errado, cumpra o govêrno com o seu dever indo ao encontro dos turbulentos, dos agitadores, dos falsos patriotas para que a ordem se restabeleça e o país possa progredir pelo trabalho, confiádo nos seus dirigentes.

De contrário nada feito.

REUNIÃO POLITICA

Nas salas do *Centro Republicano de Aveiro* efectuou-se no domingo á noite a reunião convocada pelo deputado dr. Marques da Costa, que de sexta-feira havia ficado adiada, e na qual além doutros assuntos, se tratou da organisação das comissões democraticas que dentro em bréve vão ser eleitas.

A assembleia funcionou sob a presidencia do nosso amigo sr. dr. Joaquim de Mélo Freitas demorando os trabalhos até perto da 1 hora.

Foi votada a seguinte

MOÇÃO

As comissões municipal e paroquiais politicas e administrativas do concelho de Aveiro, reunidas no Centro Republicano *dão todo o seu apoio ao atual governador civil, sr. dr. Alberto Vidal, pela fórma como tem dirigido a politica do distrito e a maneira rapida como solucionou o conflito da Murtoza com honra e prestigio para a Republica.*

Aveiro e sala das sessões, 27 de Abril de 1913.

(a) **B. Torres**

O conflito da Murtoza

Nada até hoje se voltou a dar em todo o concelho de Estarreja que se torne digno de registo. Pescadores e moliceiros empregam-se agora em trabalhos que o govêrno mandou abrir, proseguindo entretanto o inquerito para apuramento de responsabilidades nos acontecimentos anormais de Pardelhas.

Pela parte que nos diz respeito congratulâmo-nos com a solução dada ao conflito sem contudo deixarmos de lamentar o chorrilho de asneiras com que cértos criticos encheram as colunas das suas gazetas *em defeza das classes pobres.*

UM ELENCO

Não ha que vêr. *Bébes*, *Bicheza*, Pereira da Cruz, *Melro*, *Sarrilhas*, *Cancélas*, *José Cuco* constituem hoje o elenco duma companhia tão célebre que dificilmente será esquecido por quantos mais ou menos teem acompanhado a nossa campanha de moralidade contra o uso e abuso de se contratarem, por dinheiro, isenções do serviço militar.

Se o distrito viu por largos anos praticar-se éssa exploração ignobil sem um protésto que fizésse entrar na ordem os que abusivamente arrancávam dinheiro aos papalvos enganando-os e pondo em cheque a honestidade das juntas de inspecção, tambem é bom que agora fique sabendo os nomes dos exploradores e daquêles que os defendem para serem apontados ás gerações futuras, não vão ainda tental-as a comprar o seu livramento das fileiras do exercito.

O quadro não podia ser melhor constituido...

NO PELOURINHO

Sobre os crimes de Pereira da Cruz

depõe uma das mais altas individualidades do distrito de Aveiro

DOCUMENTO N.º 4

Alquerubim, 12 de Março de 1913.

Ex.^mo Sr. Arnaldo Ribeiro
Aveiro

Sobre o pedido de V. Ex.ª devo afirmar-lhe, por ser verdade, o seguinte:

Cérto dia de ano, em que esteve nas inspecções dos recrutas, em Aveiro, o medico militar Dr. Ernesto Lencastre, do Porto, apareceu-me em casa meu compadre João Lopes da Costa, das Azenhas, de S. João de Loure, muito contente por ter sido isento do serviço militar um seu cunhado, que aliás **era tôlo.**

Respondendo-lhe eu, que o caso não era de admirar, atenta a incapacidade do recenseado, êle me deu por troco:

---Que, não obstante, ainda tinha gasto algum dinheiro com o Dr. Manuel Pereira da Cruz, que tinha sido quem o ajudára em tal livramento.

---Então o compadre quanto deu ao Dr. Pereira da Cruz?

Respondeu-me: que **quatro** ou **cinco libras**, mas que lhe custára a contenta-lo com aquéla quantia, querendo êle **cincoenta mil reis** porque os inspeccionadores achariam pouco, e **era costume** receberem ésta ultima quantia.

Como meu compadre me falou em o dinheiro ser para os da inspecção e eu era amigo do Dr. Lencastre e o tinha por bom caracter, indo dias depois a Aveiro e encontrando-o no Hotel Cisne, contei-lhe o que tenho referido, para que tivésse cautéla com o Dr. Pereira da Cruz, que, se bem me recordo, tambem entrava na inspecção.

Foi ás nuvens o Dr. Lencastre e, se bem me lembro, deixou por causa disto a inspecção.

Se o sr. Ribeiro quizér procurar o Dr. Lencastre, creio que êle estará lembrado do que lhe refiro e o confirmará.

V. Ex.ª poderá fazer désta carta o uso que quizér.

Peço que apresente cumprimentos meus a seu bom pai e creia-me, com muita consideração,

De V. Ex.ª
crid.º muit.º obrig.º e admi.or
João Eduardo Nogueira e Mélo

(Segue-se o reconhecimento e outras formalidades da lei, pelo notario Albano Duarte Pinheiro e Silva)

Quem é o signatário deste documento? Não o conhecem muitos dos nossos leitores, mas nós dizemol-o: é um dos homens mais importantes do distrito de Aveiro, que sempre se impôz ao geral conceito dos seus concidadãos, pelas suas virtudes, pelo seu saber e pela sua linha de conduta alevantada e firme.

O dr. João Eduardo Nogueira e Melo, não é, como muitos outros, daqueles que se contentáram em trazer de Coimbra a sua carta de bacharel.

Recebendo-a em 1870, data da sua formatura, evidenciou-se duma maneira tão brilhante que, até ha bem pouco, teve o encargo de tratar das questões as mais transcendentes.

Amigo intimo de Dias Ferreira, seguiu, como a mais consentanea com a sua orientação, a politica do falecido estadista.

Convidado várias vezes para aceitar diferentes candidaturas assim como o logar de governador civil especialmente deste distrito, recusou sempre obstinadamente tais distinções tendo sido apenas administrador e presidente da câmara de Albergaria-a-Velha para onde conseguiu, mais tarde, a creação da comarca. Com o seu tino politico e administrativo dotou o referido concelho de importantes melhoramentos materiais construindo estradas, pontes, edificios para escolas, tudo sem encargos visto as abundantes receitas creadas com a aplicação de várias medidas administrativas.

Agricultor distinto e previdente, quando afiloxera invadiu o nosso distrito tinha ele já tomadas todas as providencias para combater o mal.

Jornalista brilhante e veemente, foi colaborador assiduo do *Tempo*, orgão de Dias Ferreira, onde sustentou pugnas rijas com desusado vigor, defendendo vários principios, e combatendo as imoralidades de então.

Apresentou um valiossimo trabalho, subsidio do mérito, para a fatura dum codigo administrativo, parte do qual foi aproveitado para o que viu a luz da publicidade em 1895, sendo porém despresada a parte mais democratica do referido codigo.

Proclamada a Republica, que êle previu, como predisse os acontecimentos politicos na situação João Franco, mantém desde 5 de Outubro, até agora, a atitude correspondente ás palavras que proferiu ao ter conhecimento do triunfo revolucionario: *quem desejar ser bom português ponha-se ao lado da Republica, auxiliando-a, e no caso negativo não a contrarie.*

São sem duvida estas palavras as melhores interpretes do alevantado patriotismo e elevação de espirito de quem as proferia, inibindo-nos a absoluta falta de espaço que muito mais digamos do que estas simples notas, a respeito de tão nobre cidadão.

E' pois um homem désta estatura que vem, com o seu testemunho, corroborar quanto temos dito, acorrendo com toda a sua alevantada conduta em defêsa da verdade, e apontando com o não menos valor da sua pessoa e independencia reta do seu caracter o criminoso, sobre quem temos deixado caír os golpes certeiros da nossa penna.

O nosso julgamento

E', como tivémos ocasião de dizer já, na proxima sexta-feira, 9 de Maio, que ao tribunal de Aveiro vâmos responder mais uma vez por dizermos publicamente verdades e aos leitores dêste jornal apontarmos factos que, noutro país onde a lei seja aplicada egualmente, teriam de ha muito levado á cadeia o medico miliciano Pereira da Cruz a quem não sería licito uma vez só contratar, da fórma como o fazia, um unico livramento do serviço militar, quanto mais arvorar-se em agente de isenções que lhe permitiram, em vinte anos, extorquir aos pobres filhos do povo o melhor das suas economias a titulo de serviços, que não prestava, com a agravante ainda de comprometer o caracter e a honra de terceiros com quem se dizia mancomunado para a prática dos seus crimes.

Não nos arrependemos, porém, de ter contribuido para que semelhante abuso acabasse e de aí a bôa disposição em que nos achâmos de, perante o tribunal, ir dizer dos nossos intuitos que nunca fôram infamar, caluniar, injuriar quem quer que seja, mas sim chamar á realidade das coisas os imorais, os corrutos, os pouco escrupulosos que inféstam a sociedade e dão os mais tristes exemplos de decôro, desclassificando-a.

Compreendemos bem qual seja a nossa situação porque, infelizmente, ainda se não modificou o habito de olhar as pessoas não por o que élas valem moralmente, mas pelas aparencias, que iludem, imprimindo aos depravados uma nota de superioridade, que não teem, mas que os habilita a apoderarem-se das suas vitimas com relativa facilidade e não menos facil trabalho conquistarem tudo quanto necessario lhes seja para se salvarem em momentos de apêrto.

O caso Pereira da Cruz é um exemplo frisante do que afirmâmos.

Dizendo-se *medico municipal*

do concelho, delegado de saude no distrito, homem politico, politico republicano e republicano democratico êle conseguiu tudo quanto ao *Melro*, ao *Sarrilhas* e ao *Cancélas* foi negado em Oliveira de Azemeis, a quando do seu julgamento, por terem contratado—só contratado, atenda-se—a isenção de alguns individuos do serviço militar para o que se achavam, diziam tambem, nas melhores relações com a junta medica inspeccionadôra dos mancebos do concelho!

Póde haver injustiça mais flagrante? Evidentemente que não póde.

Pereira da Cruz devia ser o primeiro a pagar pelas burlas de que o temos acusado, burlas que dátam de 20 anos e em virtude das quais muito dinheiro tem metido na gavêta indevidamente, servindo-se de procéssos que não acreditam, porque são baixos, que não honram, porque são infames. E porque o desmascáramos, Pereira da Cruz, que é das tais pessoas *aparentemente* honestas a quem nunca faltam protectores que encubram os seus crimes, chama-nos aos tribunais depois de ter arranjado a passarem-lhe um diploma de *inocente*, alegando que o *insultámos*, *caluniámos* e não sabemos que mais, ainda confiado na importancia que lhe advém dos cargos que exerce e deante da qual supõe curvarem-se os nossos julgadores.

Pois conte comnosco Pereira da Cruz que lá estaremos no tribunal, na sexta-feira. Nós e muitos que sabem das suas variadas proêsas, que por bem conhecidas não teem confronto.

De cabeça erguida e com plena consciencia dos nossos actos é aí que hade ser justificada toda a campanha do *Democrata* que nunca—afirmamol-o sob o mais soléne juramento—atacou homens que não fôsse para defender principios.

Intimação ilegal

—=(*)=—

Pela administração do concelho sabemos ter sido mandada ordem a um farmaceutico estabelecido na Costa do Valado para dentro do praso de quatro dias fechar a farmacia ou para éla arranjar um praticante qne o substitua nos seus impedimentos. Dá-se, porém, o caso que o farmaceutico em questão nunca deixou de ter na farmacia pessoa que êle reputa de inteira confiança e por consequencia nas condições de suprir a sua falta sempre que seja necessario. E' a sua propria mulher. E a lei não proíbe que qualquer individuo do sexo feminino exerça as funções de praticante visto como lhe reconhece o direito de tirar o curso de farmacia para o qual necessariamente precisa de praticar. Mas nós estâmos já ao corrente do fim a que visa o sr. administrador do concelho que só lamentâmos ter-se deixado ir na rêde lançada por cérto pescador de aguas turvas a quem a vida dos outros parece importar-lhe mais do que a sua propria. O farmaceutico da Costa do Valado está, para todos os efeitos, dentro da lei.

Professor de instrução primária nenhuma incompatibilidade existe entre êsse mistér e a profissão a que o habilita uma carta que conquistou pelo seu estudo e que o torna responsavel por tudo quanto diz respeito ao estabelecimento que dirige. Nenhuma farmacia póde ser mandada encerrar sem que primeiro se prove a incompetencia do farmaceutico assim como á autoridade não é licito impôr o que não está nas suas atribuições, pelo menos desde que não tenha elementos seguros que a autorisem a éssa intervenção, como sejam queixas do público sobre o aviamento de receituário ou outras semelhantes por onde se reconheça existirem realmente motivos contra os quais a lei se pronuncia fazendo com que o proprietario da farmacia seja mais cauteloso.

Ora não se dando caso algum dêstes na Costa do Valado, segue-se que o sr. administrador do concelho não devia fazer a intimação que fez e que o farmaceutico está no seu direito de repelir atendendo á falta de razão legal que a inspirou.

Por falta de espaço ficam-nos por publicar alguns originaes do que pedimos desculpa aos seus autores.

DESVAIRAMENTO

Mais uma tentativa re-revolucionário que fracassa

A MADRUGADA DE DOMINGO EM LISBOA—TENTATIVA DE ASSALTOS AOS QUARTEIS DA GUARNIÇÃO—PROVIDENCIAS DO GOVÊRNO E O EPILOGO DA COMEDIA

No sábado, alguem, da capital, lembrou-se de nos mandar dizer que eram esperados a todo o instante acontecimentos que poderiam ter alguma gravidade mas que perigo algum correria a Republica visto de tudo ter conhecimento o govêrno, que se preparava para a defêsa energica, se tanto fôsse preciso, da integridade das instituições. Estavámos, porém, longe de supôr que tão cêdo êles se desenrolassem e que á hora da leitura da carta com a novidade do amigo, Lisboa tivésse acordado surpreza de espanto pelo que se passou de noite em alguns bairros da cidade sem que quasi ninguem désse por tal, tão seguras, rapidas, eficazes e pouco alarmantes fôram as providencias do govêrno.

Eis a narrativa mais aproximada dos factos:

Um grupo de desvairados, tentou sublevar alguns dos regimentos da guarnição. Não conseguiu, porém, os seus intentos, malogrando-se o movimento, que apenas serviu para demonstrar uma vez mais, que a Republica tem bons defensores e que bons e devotados defensores tem a Patria.

O govêrno, que fôra posto ao facto do ocorrido, tomou rapidas providencias no intuito de evitar que a ordem fôsse alterada, o que se conseguiu sem grande esforço.

Do quartel general foi ordenada para todos os regimentos a prevenção rigorosa, pois que estava anunciado um assalto aos quarteis pelas 2 horas e 25 minutos da madrugada. Em face de tal ordem, os vários corpos da guarnição formaram nas respectivas paradas, emquanto em redor dos quarteis eram colocadas vedêtas.

Entretanto, forças de cavalaria e infanteria da guarda republicana, iam postar-se no Rocio, junto ao quartel general, indo outras forças vigiar as estações dos correios e telegrafos, na Praça do Comercio.

Forças de policia espalhavam-se em patrulhas dobradas pelas ruas da cidade, emquanto vários agentes da investigação, acompanhados de guardas civicos, rodeavam a Casa Sindical, na rua dos Prazeres, á Praça das Flores. Essa casa era mais tarde mandada fechar por ordem das autoridades.

Como houvésse suspeitas de que o movimento fôra combinado e preparado pela *Federação Republicana Radical*, cuja séde é na antiga rua de Santo Antão, ali se dirigiu o capitão Penha Coutinho, da policia civica, acompanhado de vários guardas, que efectuou 13 prisões, sendo depois os presos removidos para o govêrno civil, dando entrada nos novos calabouços, onde se conservaram incomunicaveis.

Deante do quartel de infanteria 5

Perto das 3 horas da madrugada em frente ao quartel de infanteria 5, no largo da Graça, rebentaram alguns petardos, ao mesmo tempo que no local comparecia um numeroso grupo de populares que soltavam vivas á Republica Radical.

Parte do regimento saiu então para o largo onde formou em quadrado, em frente á porta principal, sendo ainda distribuidas vedêtas em redor do edificio. Néssa ocasião um grupo de soldados, uns 100, se tanto, levando á frente o capitão Lima Dias e muitos populares dirigiu-se para o quartel de engenharia, parece que com o intuito de fazer sair aquêle regimento, pois afirmavam os manifestantes que os conspiradores estavam na rua e se tornava necessario defender a Republica

Na porta de entrada do quartel de engenharia achavam-se debaixo de fórma as praças daquêle regimento. Os respectivos oficiaes, em resposta ao aviso dos manifestantes, responderam que estavam no seu posto, prontos a defender as instituições, mas que não sairiam, emquanto não recebessem ordens nêsse sentido, do quartel general.

Em face de tal recusa os manifestantes resolveram voltar para o largo da Graça, mas as forças ali dispostas não permitiram a sua entrada no quartel, pelo que tiveram de retroceder.

O capitão Lima Dias, vendo o malogro do movimento, resolveu então ir apresentar-se ao quartel general, para o que, acompanhado da sua gente, seguiu pela Avenida Almirante Reis.

A meio déssa arteria sairam-lhes ao encontro duas forças de cavalaria, sendo uma de lanceiros e outra do 4. Feito cêrco aos insubordinados, estes foram desarmados em plena rua e entre escoltas levados depois para o Arsenal da Marinha, onde chegaram pelas 7 horas.

Entretanto o chefe do movimento recolhia ao quartel general, sendo mais tarde removido para a casa de reclusão do castélo de S. Jorge.

Os presos, em numero de 46 e entre os quais figuravam 3 sargentos e um cabo de cavalaria 8, déram entrada na casa da balança, onde lhes foi fornecida a comida, que consistia em pescadinhas fritas e pão. Pelas 13 horas e meia embarcaram no rebocador *Vale do Zebro*, que os conduziu para bordo do cruzador *Republica*.

Este barco de guerra, que se encontra em estado de compl to desarmamento, tinha apenas a bordo, para cuidar da conservação do navio, 40 marinheiros. A sua tripulação foi reforçada com 50 praças e 5 oficiaes, sendo o comando confiado ao capitão de fragata sr. Julio Galis.

No arsenal esteve durante o dia de prevenção uma companhia de guerra, na força de 110 praças, comandada pelo 1.º tenente sr. Fernando Pinto Bastos, que tinha por subalternos os 2.os tenentes srs. Inso e Martins.

Uma mistificação

Algumas das praças detidas, sendo interrogadas sobre o motivo do seu desvario declararam terem sido enganadas, pois lhes afirmaram que os conspiradores andavam nas ruas. Ao efectuar-se o embarque para bordo do *Vale do Zebro*, levantaram vivas á Republica.

Outros, ouvindo o estralejar de morteiros para os lados do Aterro, déram vivas á monarquia, que foram abafados pelos dos seus companheiros.

Em outros quarteis nada de anormal se passou. Em artilheria, infanteria 1, 2, 16, e quartel de marinheiros houve a mais rigorosa prevenção, não tendo havido a menor tentativa de assalto.

Apenas em infanteria 2 e 16 apareceram grupos, que a policia rapidamente tratou de dispersar.

No primeiro dêstes regimentos estava de inspecção o tenente sr. Mélo, que mandou levantar as praças estabelecendo depois postos em vários pontos interiores do quartel, bem como nas ameias que deitam para a Rocha do Conde de Obidos.

Ocioso se torna frisar que todas as praças, belamente disciplinadas, se portaram de uma fórma digna de registo, o que mais uma vez vem confirmar que o exercito está identificado com a Republica.

O natural desfecho dos acontecimentos—Prisões

A' ordem do quartel general e das autoridades civís foram presos até hoje os seguintes individuos:

General de reserva Fausto Guedes, conhecido por um aperfeiçoamento que introduziu nas espingardas do sistema, Manlicher; capitão Carrazeda de Andrade, promotor do tribunal marcial, que, ha dias, desempenhou éssas funcções no julgamento de D. Constança da Gama; capitão Lima Dias, de infanteria 5, instructor da Sociedade Militar Preparatoria n.º 1; tenente Lobo Pimentel, que perteneceu á guarda republicana e ha pouco foi julgado por ter assumido uma atitude menos respeitosa perante o comandante da mesma guarda; tenente Ernesto dos Santos, tambem promovido por distincção, e ha pouco transferido para Castélo Branco, depois dos tumultos em frente da Associação de Agricultura; tenente Diniz, de infanteria 5, instructor da Sociedade Militar Preparatoria; dr. Lomelino de Freitas, advogado; Cerejo Junior, capitão reformado e muitos outros individuos conhecidos pelas suas ideias ultra-avançadas, uns, e monarquicas, tambem alguns.

Na sessão parlamentar de segunda-feira—As declarações do sr. presidente do ministério

No meio dos aplausos de toda a câmara o sr. dr. Afonso Costa tornou cientes, na segunda-feira, os deputados e senadores do que se havia passado na vespera, dirigindo-se-lhes nos seguintes termos:

O Govêrno estava ao corrente do que se preparava em Lisboa. Sabia todos os passos que davam os perturbadores profissionais da tranquilidade publica. Conhecia um a um os mais activos organizadores dêste movimento, as suas ambições, os seus designios, o seu proprio sistema de actuar, em que havia tanto de criminosa malevolencia, como de refalsada hipocrisia. Podia, por isso, o Govêrno ter intervindo a tempo de evitar qualquer acto de execução, e, nos ultimos dois dias, até alguns dos agitadores, alarmados com as previstas consequencias da façanha que premeditavam, puzeram em pratica certos expedientes, destinados a provocar uma intempestiva acção policial, que lhes permitisse continuar, sem risco, no duplo jogo em que vinham manobrando desde pouco depois da proclamação da Republica.

Não cometemos esse erro. Os malaventurados desordeiros, que queriam apresentar-se como senhores dos *bas-fonds* de Lisboa, tinham de mostrar o que eram, o que queriam e o que valiam. Era preciso que ninguem mais pudésse por êles ser enganado na sua bôa-fé, ou arrastado na sua ignorancia, ou impelido para o mal no seu doentio afecto pelos principios. Era mister que todo o país tivésse ocasião de os vêr por dentro, energumenos sem patriotismo nem fé, ambiciosos sem escrupulos nem pudor, que prostituiam nos labios a palavra *Republica*, de que se diziam os melhores amigos, só para mais certeiramente a poderem ferir no coração. Era indispensavel que toda a gente os examinasse nos seus verdadeiros quadros, e nos seus elementos auxiliares, para que ficassem bem a claro as suas intenções criminosas, anti-patrioticas e anti-republicanas.

Devo mesmo acrescentar que o govêrno, aguardando para se interpôr que os amotinados houvéssem definido, por factos irremediaveis, os seus tenebrosos propositos, contava, apezar de conhecer-lhes a desorganização e a fraqueza, que êles se mantivessem em atitude combativa ao menos durante os minutos necessarios para lhes ser demonstrada a disposição em que a Republica está, de se defender energica e rapidamente, e de conservar e fazer manter toda a gente dentro da Constituição, das leis e da ordem publica. Tal não sucedeu. Os amotinados não foram só hipocritas, pretendendo disfarçar as suas disposições anti-sociais sob a capa dum republicanismo exaltado: foram tambem duma infinita cobardia, que suponho não ter par na historia dos tumultos e desordens.

Assim, o govêrno, com o qual colaboraram patrioticamente todos os elementos militares e de segurança publica, teve de aceitar como simples presos os revoltosos que se lhe entregaram com as armas na mão, e de ordenar singelamente as detenções dos que com êles tinham combinado o movimento e os crimes individuais e colectivos a que este se destinava, ao mesmo tempo que mandou fechar os fócos de agitação e fez instaurar todos os processos judiciais que no caso cabem; e espera que os tribunais darão rapida e eficaz sanção a semelhante tentativa, que só poderia ser perigosa para a Republica, se se admitisse a vergonhosa hipotese de que ficaria impune ou mal punida, ou se encontrasse atenuação para éla nas polemicas desordenadas e, nésta hora, antipatrioticas, que a tal proposito se fizéssem dentro dos arraiaes republicanos.

Pela sua parte, o Govêrno procederá néstas circunstancias por fórma que toda a gente sinta,—toda, sem exceção,—que é cada vez mais dificil e perigoso exercer profissões criminosas em Portngal. Fez-se a Republica para estabelecer um regimen de liberdade, de legalidade e honradez, e por isso todos os criminos, qualquer que seja o rotulo ou o disfarce, hão-de sentir se cada vez pior dentro déla. Mostre o Parlamento, unanimemente, que está disposto a apoiar este govêrno, ou qualquer outro, para a execução dêste programa de vida, e terá, dum golpe, arrancado pela raiz a arvore daninha da conspirata e da desordem, ou azul e branca, ou verde e negra, ou multicolor.

A's palavras do sr. presidente do ministério apoiadas indistintamente por todos os partidos, segue-se uma moção de confiança ao governo que tem imediata aprovação e que o habilita a tomar as providencias necessarias á manutenção da ordem, louvando a sua atitude.

* * *

Depois do que nas suas linhas gerais aí fica noticiado, póde-se dizer que nada mais ha digno de registo a não ser as averiguações a que a autoridade procéde para a descoberta de todos os implicados na trama, determinando o govêrno a suspensão de alguns jornais como o *Dia*, a *Nação* e outros emquanto a normalidade não fôr completa e o inquerito não esteja terminado.

Medidas indispensaveis pelas quais só temos que o louvar.

Pois sim, Zé...

—=(*)=—

E' um fartar de rir com o *orgão dos taberneiros*, que, tendo creado uma situação de destaque *no nosso meio jornalistico*, cada vez se evidencía mais pela fórma *elevada* como aborda todos os assuntos ainda aquêles que pela sua gravidade não deviam ser tratados senão por gente de senso e em seu juizo, que é como quem diz fóra da acção do alcool.

Mas se cérta imprensa está assim, já agora não se modificará pelo menos emquanto existirem *jornalistas* da força de muitos, que quando se não inspiram em copos de vinho escrevem o que lhe mandam ou melhor convém aos seus interesses pessoais.

E não ha volta a dar-lhe mesmo porque não consta ter-se algum dia endireitado o que torto nasceu... Sería isso uma excéção que só por milagre acreditariam os bons apreciadores de prosa avinhada, que, como nós, passam momentos felizes recreando-se com o que a sério só póde ser tomado pelo proprio que a escreve.

No tribunal

Em audiencia de juri presidida pelo meritissimo juiz, sr. dr. Gama Regalão, respondeu na terça-feira o ex-guarda 17 do corpo de policia civica, Ismael Apolinário, acusado de, pelas tres horas do dia 2 de Janeiro ultimo, ter assassinado com um tiro de revolver a meretriz Rosa da Encarnação de quem era amante.

Provado que foi o crime com algumas circunstancias atenuantes, incidiu sobre o réu a pena de 3 anos de prisão maior celular ou 4 e meio de degredo em Africa que o sr. juiz lhe aplicou em harmonia com as respostas do juri aos quesitos.

Foi defensor oficioso o nosso presado amigo e distinto advogado nos auditorios da comarca, sr. dr. André Reis.

Pedimos aos nossos assignantes que nos avisem sempre que mudem de residencia afim de que o jornal se não extravie e portanto o não deixem de receber.

A oito dias de vista...

Pouco, muito pouco viverá quem não conheça do resultado do que, com demora de oito dias, terá de realisar-se no tribunal désta cidade.

Pela nossa honra jurâmos, que, em consciencia, não ha um só cidadão, com direito a este titulo, que não creia firmemente na compléta verdade de quanto temos dito do medico Pereira da Cruz.

Quantos o pretendem defender, mesmo os seus parentes, o proprio acusado até, de sobejo sabem que o que temos referido sobre os actos criminosos imputados a Pereira da Cruz traduzem a expressão nitida da verdade.

Nós não inventâmos; não fômos corromper, como argumentam os miseros defensores das tristes trapaças que aí se cometiam, todos quantos—uns no desempenho das suas funções, outros num impulso de verdadeira hombridade—trouxéram para o conhecimento público as provas irrefutaveis do cometimento de tão estranhos casos.

Por nossa vez aqui os citámos, aqui os comentámos e definimos.

Aqui estâmos ha nove mêses pedindo justiça em nome da moralidade do regimen, por isso que dia a dia a nossa convicção sobre a verdade do que afirmâmos é cada vez mais fundamentada e não menos justificada.

Contudo, numa denunciada pretensão de querer esmagar a evidencia dos factos, tem-se procurado por todos os meios envenenar a verdadeira razão basilar da nossa atitude. E assim, nesse intuito, tem-se dito e escrito cousas que não podemos fugir muitissimas vezes de perguntar a nós proprios se os autores de tais afirmativas estarão na realidade dementados ou se para asfixiar a verdade será preciso descer até ali!

E' a calunia que nós criámos e espalhámos; é o odio que nos anima; é a inveja que nos leva cégamente neste caminho; é a pretensão de uma influencia politica ridicula que nos alucina, com a falsa esperança de colocar nos logares públicos, exercidos pelo acusado, os nossos *amigalhotes* e correligionarios; é a afluencia de todos os ruins e condenaveis sentimentos que se acoitam em nossos corações animando-nos nésta campanha, que nada justifica, não havendo nem a mais leve sombra de verdade e de justiça em qualquer das multiplas e várias referencias demonstrativas de tão monstruoso como repugnante negocio.

Mas — *santissimo Deus!*— quem trouxe, envolvendo-os tão intimamente no caso—os tres medicos militares que constituiam a junta inspeccionadora em Ilhavo?

Quem trouxe os tres mancebos que declaráram e assináram as suas afirmativas referentes aos contratos feitos com o medico Pereira da Cruz para a sua isenção?

Quem trouxe os outros dois declarantes que, por escrito, satisfazendo todas as prescrições legais, vêm declarar quando e por quanto contratáram com o medico Pereira da Cruz o livramento de seus filhos do serviço militar?

Quem trouxe as dez testemunhas que assistiram a éssas declarações, ouvindo-as da bôca dos seus autores e assistindo á respectiva repetição por escrito?

Quem poz na bôca do ilustre deputado Francisco Cruz as primeiras palavras de rebate proferidas na Câmara?

Quem as repetiu com o maior desassombro, comprovadas com o conhecimento obtido no exame a que procedeu no procésso da sindicancia, manipulado no gabinête do sr. Feijó? Não foi Marques da Costa, secundado por o seu coléga Valente de Almeida?

Quem trouxe o medico Afonso Viana a dizer por escrito o que o *Democrata* no ultimo numero publicou?

Quem *obrigou* o respeitavel e digno cidadão, dr. Nogueira e Mélo, a fazer as declarações fulminantes que noutro logar hoje inserimos?

Quem trará ao tribunal o sr. Julio Ribeiro de Almeida, ex-governador civil deste distrito, a confirmar, com a sua palavra de honra, de que ninguem, ninguem, póde duvidar, parte do que aqui temos dito e que ele conheceu no desempenho do seu alto cargo?

Quem, pela mesma fórma, trará ao mesmo tribunal tantas outras testemunhas, isentas pelo seu caracter e pela sua honradez, da mais leve suspeita, que com os seus depoimentos provarão, no seu conjunto, a verdade do que aqui temos dito e apontado ao tenente medico miliciano Pereira da Cruz?

E' o mesmo odio, a mesma inveja, o mesmo intuito de calunia, a mesma ambição na apanha de qualquer fatía, por nós distribuida como compensadôra do seu auxilio, que a tanto cidadão aqui enumerado anima, para que nos sigam e auxiliem, sacrificando consciencia, honra, dignidade, nésta campanha de *mentira* e de *falsidade*?

Que grande poder o nosso!

Que sobrenatural influencia exercemos sobre tantas e tão variádas pessoas, na sua maior parte ilustradas, inteligentes e instruidas!

E de tal influencia dispômos nós, que o proprio Manuel Pereira da Cruz, apesar de toda a sua *inocencia*, de todos os seus esforços e ajudas, para a comprovar, hade caír esmagado, triturado deante da prova formidavel que se hade produzir!

Mas é que afinal a influencia a que aludimos não nos pertence. E não nos pertence por um motivo bem simples—porque faz parte integrante da propria verdade dos factos.

Como, de hoje a oito dias, se esclarecerá melhor...

Instrucção de tiro militar

Determinando o art.º 423, § 1.º, da *Organisação do Exercito*, actualmente em vigor, que *a nenhum militar será dada passagem das tropas activas para as de reserva, sem ter frequentado com aproveitamento as carreiras de tiro, durante, pelo menos, quatro anos*, e impondo o art.º 483.º da mesma lei a obrigação de os militares licenceados praticarem o tiro nas condições acima, é da maxima conveniencia que as praças licenceadas e as das tropas da reserva frequentem as carreiras de tiro mais proximas da sua residencia para o que bastará apresentarem-se aos oficiaes das mesmas, aos domingos, com a caderneta militar respectiva, afim de poderem ter baixa do serviço activo quando tenham completado o tempo de serviço a que são obrigados.

ESCLARECENDO

Recebemos a seguinte carta:

... Sr. redactor

Pergunta v. a razão porque o Camaleão *não reproduz nas suas colunas quanto, a proposito das acusações feitas a Pereira da Cruz, tem dito, em defêsa, o reles, teles peles, feles,* Bébes *de meireles no sempre assás cantado* orgão dos taberneiros.

*Por dois motivos:—o primeiro para fingir completo alheamento a quanto sobre o caso tem orneado a pobre azemula e não se supôr que seriam valores entendidos, pois basta que se veja e conheça das largas e amiudadas conversas que os dois—*Bébes *e Pereira da Cruz—costumam ter nas avenidas; segundo:—porque se pretende assim salvar um pouco as aparencias visto que está bem fresco na memoria de todos quanto o* Bébes *disse de Firmino de Vilhena a quem atribue o corte do seu nome do recenseamento eleitoral.*

De canalha para cima chamoulhe tudo, sem rebuço, em toda a parte e na presença de toda a gente, independente das ameaças feitas e das referencias a casos e cousas, que sendo do conhecimento público, não deixam todavia de ser super-interessantissimas!

Ora aí tem o meu amigo a razão explicativa do silencio camaleonacio e bem creio que não andarei nada afastado da verdade.

Não é, pois, vergonha de camaradagem na imprensa, como supõe, porque éla existe publicamente entre as respectivas individualidades; é porque assim o exige a situação que êles julgam bôa mais esta... fase ridicula.

Afinal todos se entendem, como muito bem diz v. porque—Melro, Sarrilhas, Cancélas, Cuco, Bébes, Bicheza *e Pereira da Cruz*, c'est tout la meme chose!...

am.º mt.º obr.º e certo

Aveiro 27—4—913.

Velho leitor

Agora compreendemos. Como a célebre Cleopatra, os sugeitos querem aparentar o que não são sem se lembrarem de que a *prôa* já não ilude ninguem...

VIDA POLITICA

A conferencia do sr. Brito Camacho no Teatro Aveirense

Como estava anunciádo, realisou-se no sabado passado a conferencia do sr. Brito Camacho. O teatro esteve literalmente repléto de cidadãos e algumas senhoras, que ouviram com toda a atenção o ilustre conferente, durante a hora e meia que s. ex.ª falou.

O sr. dr. Brito Guimarães, activo presidente da comissão administrativa municipal, fez a apresentação do director da *Lucta*, tradicionalmente conhecido já, propondo para presidir á reunião o venerando republicano dr. Jacinto Nunes, que a assembleia saudou e que este, por sua vez, agradeceu, escolhendo para secretários os srs. dr. João Vidal e Julio Ribeiro de Almeida, ex-governador civil do distrito.

Dá começo á sua oração a sr. Brito Camacho que principia por dizer que, instado a vir fazer aqui uma conferencia, aceitára o convite, que lhe proporcionava tambem o ensejo de saír de Lisboa e passar algumas horas entre camaradas e bons amigos, que muito présa. Diz que um dos grandes erros dos homens do passado regimen foi distanciarem-se do país não conhecendo das suas necessidades e dos seus interesses. Fazendo-se no respectivo ministério as candidaturas oficiais, os vários representantes da nação não conheciam e eram absolutamente estranhos aos seus circulos e eleitores, a maior parte dos quais, a unica intervenção tida na eleição do seu deputado, fôra a ignorancia de quanto continha a lista que ele levou á urna, que nem leu, porque o não sabia fazer.

Vêm visitar ésta béla região, que lhe era quasi por absoluto desconhecida, como visitará outras, sem as estrondosas recéções que de ordinário abrangem a desastrada execução da filarmonica, em geral, desafinada, e os respectivos jantares, numero indispensavel dos programas. O homem politico ou os que, como a ele sucedera por força das circunstancias, tem de governar, cabe-lhe o dever de conhecerem o seu país. De contrário teremos a continuação de quanto se passou na monarquia, resultando que a nação era para os govêrnos uma cousa abstrata, abstração, porém, que pagava impostos, concorria para todas as despezas públicas, contribuindo ainda para as grandes digestões.

Por isso a monarquia caíu com o compléto alheamento do résto da nação que se não encomodou com o facto e sabendo do advento da Republica, proclamada em Lisboa pela revolução de 5 de Outubro, a éla aderiu por toda a parte, aclamando-a sem um protésto, sem uma nota discordante. Antes, da cumplicidade dos monarquicos sincéros que reconheciam intimamente a absoluta divergencia, o compléto afastamento da vontade nacional e as instituições falidas, se resumiram apenas a 33 horas de ancia, de luta e de dúvida, o tempo decorrido para o compléto triunfo da revolução.

Referindo-se ás palavras do seu amigo, sr. Brito Guimarães, não estranha, como ele, a cisão do velho partido republicano. Tal facto fôra lógico, natural.

Nos tempos passados da oposição, da demolição, da propaganda persistente, tenaz, constante, todos os elementos se empenhavam pelo mesmo fim, pelo mesmo objectivo. No entanto, apesar da manifésta coesão, sentiam-se correntes diversas, indicadôras das simpatías de que alguns dos mais valorosos trabalhadores dispunham pelas suas ideias e até pelas suas pessoas. Dentro do programa do velho partido, emquanto oposição, todos lá çouberam, mas quando a Republica se transformou num facto, reconhecia como natural e indispensavel consequencia a divisão e criação de partidos. Esse programa fôra até redigido por um federalista e apesar das suas várias exposições, brigando, em principio, com os modos de vêr duma grande parte dos velhos republicanos, não sendo agora o momento histórico, que atravessâmos para a sua discussão, lá coubéram durante um cérto periodo, federalistas, radicais, conservadores, municipalistas, sindicalistas etc., etc., que libertos de tal situação, constituiram os seus partidos e assim temos o grupo radical de que é chefe o sr. Afonso Costa, o conservador que segue o sr. Antonio José de Almeida e a união republicana de que ele é chefe, por circunstancias muito especiais. Da sua orientação jornalistica e politica creára um nucleo importante de partidários, constituidos por os homens de mais valôr do partido republicano, que, formando o partido *Unionista*, o convidáram para a chefia desse partido o qual apenas tem por fim impedir os avanços do partido radical, como os repelões de retrocésso, perigosos e descabidos, do partido conservador. Assim, a *União*, será o equilibrio futuro da politica portuguêsa, não negando a qualquer dos partidos o seu apoio leal e sincéro, no que eles possam fazer e prestar de bom e de util ao país. Tambem se fiscalisa fóra do poder, governando, havendo quem muitas vezes suba ao poder mas para... governar-se. Se a *União* nunca fôr chamada a constituir govêrno, muito o alegrará por ser tal facto a prova de que os outros partidos politicos servem e satisfazem cabalmente a nação.

A ele, orador, já lhe chamaram — conservador. Póde argumentar que tem o seu nome ligado ás leis mais radicais do regimen, e se lhe chamarem radical responderá que tem o seu nome ligado ás leis mais conservadôras da Republica, a quem cabe a missão de corresponder aos desejos e necessidades do país.

Nos tempos idos da propaganda, tomaram-se grandes compromissos, de que partilhou, apontando-se erros evidentemente demonstrativos da compléta falencia politica e administrativa da monarquia. Apelava-se para a Republica. A ésta cabe o dever de corresponder a esse apelo. Se o não fizér, se fôr evidente a sua falencia, então Portugal não terá o direito da sua existencia autonoma. Por isso se torna indispensavel que todos concorram com o seu apoio e auxilio no campo politico, para que os govêrnos cumpram os seus programas e os seus compromissos. Prefére vêr na sua frente um adversário, defendendo até o proprio principio monarquico, do que o imbecil que lhe responde—eu não tenho politica, eu não quero saber de politica.

E' um erro que chega a ser um crime.

Como consequencia desse abandono, perigoso e nocivo, a politica ficará brevemente nas mãos dos profissionais e por estes feita como entenderem—sem fiscalisação, de empreitada e todos sabem que nenhum mestre de obras toma uma empreitada para perder...

A monarquia caíu pela sua provada incompetencia de oitenta anos, pelo seu alheamento compléto da alma nacional, pela falta absoluta de moralidade—base indispensavel de todo o regimen—porque todas as instituições sem moral, não tem direito á existencia. *(Prolongados aplausos)*. A sua quéda foi um alivio para os bons patriotas, que reconheciam, alem da sua inviabilidade, o perigo que a sua administração representava para a integridade nacional; por isso obstinadamente se recusa a acreditar na sua restauração, material e históricamente impossivel. De mais, o representante desse regimen fugiu, e quando um rei foge—abdica.

Refere os principais boatos e medidas tomadas pela partida da familia real. Servida a monarquia por um braço forte, homem de valôr como Paiva Couceiro, que se podia comparar com a figura histórica desse patriota e santo Nuno Alvares, não foi ela por isso mais feliz nas suas tentativas, que ele todavia nunca acreditou. A Republica tem, no entanto, no seu modo de sêr, cometido um erro, que no futuro poderá ser gráve. Esse erro está no afastamento das classes trabalhadôras, o melhor apoio, o mais solido auxiliar da antiga propaganda, na passada época de luta e de demolição.

Ainda que não haja no nosso país a grandêsa de nucleos socialistas, como na Belgica, na França, na Alemanha, as candidaturas assim designadas, que têm assunto no nosso parlamento, são da sua iniciativa.

Não compreenderam élas as verdadeiras razões que assim o aconselhavam, mas reconhece que não deve haver, sob pena de ser cometido um gráve erro politico, o afastamento entre as classes trabalhadôras e o govêrno, que precisa conhecer das suas mais instantes necessidades e identificar-se com todas as forças da nação.

Já nos tempos idos os homens da monarquia apregoavam o falso principio de que em Portugal não existia a gráve questão social como resposta aos embates da propaganda republicana, que os atingia duramente neste e noutros pontos, que eles, com uma corréção verdadeiramente idióta, supunham liquidar assim.

Tem, sem dúvida a Republica desempenhado uma taréfa digna de registo, tornando em realidade todas as aspirações do velho partido republicano, promulgando muitas outras medidas e fazendo leis de util e proveitosa aplicação. Tem sido esse trabalho impecavel? Cértamente não, mas tambem não tem sido infrutifera a sua obra, que se destaca na lei da Separação. Para si, de nada éla valeu porque desde que se entende, sentou-se um bélo dia deante da sua consciencia e resolveu separar-se da Egreja. Ha muitos anos pois que vive em compléto estado de separação. Tal lei implica uma grande medida estabelecendo e assegurando o respeito de todas as religiões, uma das cousas mais sagradas para si. Se, porem, é preciso respeitar a grande maioria dos que se dizem religiosos, igual direito tem de respeito a minoria que livremente pensa e até os que nada pensam.

Discutida ámanhã no parlamento éssa lei, éla não será atacada nas suas bases, por cérto, mas talvez adoçada num ou noutro ponto onde se mostre mais duramente agúda.

E' uma das mais importantes leis do regimen, que só a combatem esses tristes *psicólogos de viéla* que passam o tempo a explorar o estado politico com as crenças de cada um. *(Aplausos)*.

Ha, porém, dois pontos na administração pública que considéra importantissimos e para o que entende que se déve gastar tanto quanto possivel fôr, independente da preocupação do equilibrio orçamental, taréfa bem facil afinal, que se resume em tocar duas extermidades, aproximando-as.

Refére-se á indispensavel reforma do ensino oficial, e ao desenvolvimento do fomento nacional.

Se ele podésse, reformaría já de cima para baixo tudo quanto se prende com a instrução, tanto secundária, como especial primária. Ha hoje um grande *deficit* de mentalidade no nosso país, acusando quarenta por cento de imbecis comparado com o de ha trinta anos. Passado novo lapso de tempo, se não houver quem decididamente acuda a ésta situação teremos um país de idiótas, o que será um desastre.

O fomento precisa, sem demora, que por ele olhem, desenvolvendo-o, impulsionando-o dentro das necessidades imperiosas a satisfazer e por toda a parte reclamadas. Nestes dois pontos, repete, temos de gastar bastante, muito mesmo, sem outra preocupação que não seja o remedio pronto e energico que estas duas questões exigem.

Entende que se deve reparar sem demora na corrente extraordinária de emigração. Argumenta se que éla é uma consequencia do nosso espirito aventureiro e grande. Póde ser que sim; bem sabe que fizémos tres cêrcos a Diu, descobrindo o caminho para a India, etc. Mas não crê errar supondo que para se atacar esse mal na sua origem sería preciso legislar, e atender nas necessidades da vida, barateando-a, modificando-a e convencendo assim os homens que abandonam o seu lar, não por uma imediata consequencia duma miseria aterradôra, lancinante, que poderiam ficar porque se lhe proporcionaría uma velhice tranquila, serêna e comoda.

Referindo todos os pontos a que aludiu, o orador deseja que a assistencia, que tão delicada e afectuosamente o ouviu, se compenétre de que não escutou um homem ou um politico menos sincéro ou menos patriota, que, como até agora, muito deseja continuar a dar ao seu país o melhor do seu trabalho e da sua energia.

Chamaram-lhe a atenção para um periodico local que lhe deseja que désta terra só leve otimas impressões mas poucos partidários. Declara que leva as mais impressionantes recordações, ignorando se deixa correligionários, o que não o impede de agradecer a atenção que lhe prestou a assembleia durante a estirada hora e meia em que foi ouvido.

A assistencia, que ouviu todo o discurso num manifésto retraimento, duas vezes apenas interrompido, coroou com uma viva e prolongada salva de palmas as ultimas palavras do conferente.

* * *

O sr. dr. Brito Camacho, assim como os seus companheiros de viagem, dr. Jacinto Nunes e Tasso de Figueiredo, fôram hospedes, em Anadia, do sr. Julio Ribeiro de Almeida, que depois os acompanhou nas visitas feitas a diferentes pontos do distrito, como Ilhavo, Vista-Alegre, Barra e Albergaria-a-Velha, onde os amigos do sr. Brito Camacho lhe ofereceram um opiparo almoço.

Em Aveiro percorreu o chefe do partido *unionista* alguns pontos da cidade indo tambem ao Muzeu, Escola Industrial, Asilo Escola, Liceu e outros edificios públicos de que nos dizem ter colhido as mais lisongeiras notas de agrado.

Convite

A Comissão Executiva do Partido Republicano Português, convida as comissões municipaes e paroquiaes politicas dêste distrito afim de, reunidas em assembleia eleitoral, no dia 11 do corrente e por 14 horas, no Centro Escolar Republicano *désta cidade, procederem á eleição da comissão distrital politica, como determina a lei organica, e outrosim são por este meio convidados todos os cidadãos filiados no mesmo partido e residentes nas diversas freguezias deste concelho, para, constituidos em assembleia eleitoral, no dia 4, pelas 15 horas e no dito Centro, procederem á eleição das respectivas comissões municipal e paroquiaes politicas.*

Aveiro, 1 de Maio de 1913.

A Comissão

SANEANDO

VII

O bater do mangoal

Já agora mais um pouco de paciencia para terminar com a debulha do monte de *espigas* com que o vasto campo da invenção do sr. Nunes da Silva tão abundantemente fornece os mercados proprios e os dos visinhos, seus protectores.

Talvez não devesse continuar com este trabalho, porque, pelos resultados já colhidos e pela imparcialidade apreciados, sei que proveito algum para a regeneração psiquica desse agricultor de pretenciosas mentiras, posso tirar. Com o bater do mangoal dos factos e da lógica, as *espigas* reduzem-se a um pó que exala um cheiro fetido, semelhante ao do pús que duma pustula gangrenosa se derrama á pequena pressão digital de um cirurgião.

Parece o desmoronar-se duma alma profundamente infectada pelos processos duma monarquia corruta, onde desempenhou o papel de submisso serventuário.

E' a consequencia patologica dum diagnostico sólidamente firmado nos sintômas momento a momento colhidos á cabeceira do enfermo pela razão do *vox popoli* independente e educado.

Apesar, porém, de vêr esse prognostico envolto em pesados crépes, não devo abandonar o doente e, como medico, devo minorar-lhe os sofrimentos, abreviando o termo da sua existencia. E' cruel o papel que tenho a desempenhar, mas o bem geral o reclama, uma sociedade, que pretende desparasitar-se, me incute a coragem para esse triste trabalho, que jámais o praticava se o habito da minha profissão não tivésse educado a minha alma a não deixar afogar nas lagrimas a razão do dever e da justiça.

A patologia humana oferece-nos milhares de casos semelhantes, e se o medico fugisse, se se esquiva-se a tão árdua e nojenta taréfa, sería um criminoso, pois, para seu bem proprio, deixou a circunvisinhança infectar-se quando podia, a custo duma só vida que inevitavelmente se perde, poupar muitas vidas.

O medico avança no cumprimento desse dever, tendo por paga dos seus serviços, muitas vezes a unica recompensa, o insulto, a calunia, a infamia a esforçarem-se por lhe dilacerar a sua reputação.

E o unico balsamo consolador que résta ao medico, é ouvir, da bôca dos honrados e conhecedores, saír a sua justiça; e a sua unica defêsa é o refugio para a discussão cientifica.

Se não fôsse este baluarte, que os ignorantes não pódem derruir e se a dignidade ilustrada não fôsse refrátaria aos atrevimentos da malandrice, ninguem suportava tal pêso de injustiça, ninguem desejava servir tão ingrata profissão.

Pois se isto é expressão amarga duma verdade dilacerante, bem mais dilacerante e amarga é a medicina social, onde os doentes se amontoam em pocilgas, que se esmagam no zig-zaguear das viélas da prostituição.

Aqui ha tambem um dever a cumprir por aqueles que, pelos seus elevados conhecimentos sociais e pelo seu amor á humanidade se entregam ao delicado e dificil trabalho de regeneração nacional—é percorrer éssas pucilgas, banhando-as com os seus salutares principios, extirpando o cancro roedor desse faditismo infecto.

Não é só a esses mesteirais da sociologia que pésa tão árdua taréfa; tambem são obrigados, ao auxilio desse indispensavel saneamento, os que fôrem conhecedores desses fócos, apontando-os.

E é por ésta razão que eu, simples ajudante, venho lutando dia a dia contra esses velhos habitos de degeneração nacional.

* * *

Guiado por estes principios, empelido por estes ideais, tenho trilhado a trajectória da minha vida sem o menor desfalecimento. Não tem deslisado com a suavidade e doçura dum beijo de amôr, mas bem atribulada pelos assaltos que os inimigos do progresso, os negreiros da consciencia do povo, de mil e uma maneiras me têm preparado.

Se não fôra a minha energia, se não tivésse educado a minha vontade, teria sucumbido ha muito, estaria hoje a debater-me na agonia duma consciencia sifilisada entre as garras dum feudalismo escravisante e devasso.

Se não tivésse reagido, sería hoje um fadista embriagado pela ambição mesquinha, acariciando a moralidade com beijos de *souteneur*; estaria neste momento, da frésta duma pocilga, a insultar os que trabalham pelo resurgimento da nossa nacionalidade.

* * *

Apesar de ter a minha vontade assim educada e os actos da minha vida o atestarem, o sr. Nunes da Silva afirma no seu jornal que sou um *vingativo*, um *autoritário*, um *reaccionario*, um *mentiroso*, um *despeitado*, e em ruminação familiar maiores insultos escorre em fios boateiros.

As causas apresentadas para a demonstração desses epitetos são devéras extravagantes, pois ambicionam o poderio de destruir a verdade dos factos com afirmações não documentados nem deduzidos e méramente personalistas.

1.º *Sou um mentiroso.* Tenho publicado documentos e afirmações testemunhais que não fôram rebatidos pelo potencial de conhecimentos e de verdade do sr. Nunes da Silva, que apura os seus argumentos voltando-se sobre si mesmo.

E a prova désta imaginação vê-se no ultimo numero do *Radical*, quando afirma que eu, na eleição da comissão paroquial politica de Ossela, fiz uma proposta para que as minorias tivéssem representação, para terminar com as

divergencias existentes no nosso partido. Em Osséla não fiz semelhante proposta; comuniquei á assembleia, na minha qualidade de delegado da comissão municipal politica, a resolução que ésta comissão havia tomado por unanimidade. No livro das actas encontra-se éssa deliberação.

Se eu não tivésse transmitido á assembleia de Osséla éssa resolução, tinha faltado ao meu dever e atraiçoado os meus colégas, esses a quem o sr. Nunes da Silva disse que eram levados por mim a reboque nas resoluções ou deliberações tomadas. Que lhe agradeçam éssas amabilidades, que eu, obediente á camaradagem é á verdade, protésto contra esses insultos.

2.º *Sou vingativo* porque o *espirito de vingança transparece em todos os actos da minha vida.*

Comparando ésta afirmação com o que o mesmo sr. Nunes da Silva escreveu ha pouco tempo no seu jornal, éla fica reduzida ao pó nojento da calunia. Já disse que eu era um... *bajulador.*

Então como se compreende que seja um *bajulador* quando *todos os actos* da minha vida são de vingança? E' talvez, caro leitor, porque tenho duas vidas—uma para trabalhar pelos meus ideais, outra para oferecer aos *srs. Silvas para estes salpicarem as ruas de Oliveira de Azemeis com sangue.*

Desgraçado desnorteamento!

Vingança é todo o castigo injustamente aplicado ou preparado.

3.º *Sou um autoritário.* A comissão municipal politica, de que faço parte, tem provas de sobejo que é falsa éssa afirmação. Tenho feito propostas e quando noto que um dos meus colégas não concorda, retiro-as sem o menor resentimento.

Não vergo a minha vontade quando é para praticar injustiças. E na comissão politica ninguem deu azo a que éla se vergasse.

4.º *Sou um despeitado,porque quero lançar fóra da câmara os vereadores que não me acompanharam na questão do medico do Pinheiro da Bemposta, dr. Carlos Alberto Ribeiro.*

A sindicancia dirá aonde reside o despeito, ou melhor, para ser mais corréto na frase, aonde reside a causa da afirmação do sr. Nunes da Silva. Emquanto á nomeação do dr. Carlos, tenho a declarar que a justiça não foi feita e que eu pedi a minha demissão para não me conspurcar, lavrando o meu protésto.

Tenho documentos na mão, passados pelo sr. secretário da Câmara, que não me deixam mentir.

5.º *Sou um reaccionario.* Se reaccionário é respeitar a lei e sujeitar-me, sem subterfugios ou empenhos, ás suas penalidades; defender a justiça, ainda que para isso tenha de cortar os laços de intima e velha amisade, como fiz no caso do medico do Pinheiro; não deixar explorar o ignorante e indefeso; não andar de porta em porta a subornar a consciencia de voto; revoltar-me contra os vergonhosos processos da defunta monarquia; dar a um particular o que pertence ao povo; combater as ideias retrogradas, como fiz no Couto com o aplauso do sr. Nunes da Silva, eu sou um reaccionário e gostosamente aceito o titulo.

Se liberal é fazer o que o sr. Nunes da Silva faz, o contrário do que deixo escrito, eu não quero e repilo esse nobre diplôma.

Perante estes qualificativos eu passarei a ser um reaccionário; o sr. Nunes da Silva, um liberal!

Só cabeças como as dos srs. *Silvas* são capazes de germinar tão finas ideias. A minha é tão ôca que não responde aos *artigos-locais*—**Provando**—sem vêr a autorisação dos individuos lá mencionados. E' que não compreende que deva criticar os meus artigos com que concordo e fazer referencias á critica sublinhada dos outros quando éla se refere aos extranhos á contenda de momento.

* * *

De luz na mão percorro todos os cantos do *Radical* e a toda a gente honésta pergunto pelos argumentos e provas com que o sr. Nunes da Silva prometeu na sua *espéra* vir refutar o que tenho dito e afirmado, e apenas uma voz me respondeu. Disse-me que as tinha visto passar no carro do lixo da câmara puxado pelo zelador nas horas vagas do seu barbear e quando o seu patrão, *liberal* dos quatro costados, havia terminado os seus discursos flamejantes para ir percorrer a sua clinica... mortuária. E' a voz da verdade; devo escuta-la.

* * *

A verdade não se esmaga, a justiça não se sufoca, a intriga e a calunia desfazem-se.

O. de Azemeis, 30 | 4 | 913.

O medico, **Lopes de Oliveira**

Nota.—As testemunhas que me pede, são: Manuel Lourenço Dias, Bernardo Tavares Tôco, Artur Fernandes da Costa, Manuel Bernardo Gomes, Manuel Joaquim de Castro e Manuel Soares Apolinário.

Lopes

1.º de Maio

O operariado aveirense festejou o dia de ontem como de costume, embandeirando as associações a fachada das suas sédes.

TRISTE DEFÊSA

Ao irrisório patéta, arvorado em *jornalista* de aluguer, como o unico capaz da proésa, digâmos em abono da verdade, para defender os actos criminosos de Pereira da Cruz, não pod'âmos dar melhor resposta do que a reprodução dos valiosos documentos, insértos agora no *Democrata*. Com efeito as cartas do ilustre medico João Luiz Afonso Viana e do distinto jurisconsulto dr. Nogueira e Mélo, dizem por nós tudo.

Esses indistrutiveis testemunhos não fôram cértamente adquiridos para provar ao patetoide em questão quanto não era seguro, não só o farelorio do palavriado coordenado, entre dois litros, para abonar as qualidades *intangiveis* do conhecido burlista, como ainda a afirmativa de que os outros documentos, até então obtidos, provinham da *ignorancia* e da *ingenuidade* dos seus autores, do que abusámos.

Tal afirmativa tresanda a vinhaça e convence-nos, sem mais delongas, que para se escrever assim é preciso que quem o faz esteja suportando as consequencias terriveis de uma formidavel taxada.

Que soprarão agora ao inconsciente patetoide para ele, por sua vez, lançar á publicidade no *orgão*, como razões justificativas do *nenhum valor* que, por cérto, na opinião dos amigos, terão estes documentos?

Teriâmos tambem *abusado* da *ingenuidade* do medico Afonso Viana, e da do dr. Nogueira e Mélo?

Será tambem o odio pessoal ou o desejo de algum deles vir ocupar os *altos* logares que exerce o afamado burlista Pereira da Cruz?

Com que miseros defensores e irrisorios processos éssa repugnante *troupe* julga cobrir uma das maiores infamias que ha anos se vem praticando nésta terra, que para cumulo da sua desdita chega a tolerar que verdadeiros imbecis se arvorem em seus guias, em seus mentores!

Arlequins de taberna que nem poderão apresentar se como seus filhos!

Nem com éssa alegação pódem justificar o... seu aluguer...

Despedida

Tendo resolvido ausentar-me para país estrangeiro e na impossibilidade de me despedir pessoalmente das pessoas com quem me relacionei e muito em especial dos meus amigos, faço-o por este meio agradecendo as imerecidas atenções que sempre me dispensaram, oferecendo, para o futuro, os meus inuteis serviços na cidade de S. Paulo, (Brazil.)

Manuel Martins Bastos

Honra ao mérito...

Segundo informações que reputâmos verdadeiramente seguras, os moliceiros e artes correlativas, que, na Murtoza,ostensiva e coletivamente se manifestaram contra a proibição da apanha do moliço, como uma medida em absoluto inutil e violenta, vão, em sinal de protésto, e porque néssa escolha vae já parte do pagamento da grande divida em aberto, propôr para as proximas eleições suplementares de deputados o nome do seu conterraneo, o *ilustre* e *aureolado* cidadão José Maria Barbosa!

Velho republicano, já do tempo do Marrêca, o inegualavel *tribuno*, assim como incomparavel *jornalista*, tomou nésta questão do moliço tão distinguida atitude, colocando-se aberta e intemeratamente ao lado dos seus concidadãos, exceção feita, é claro, á partilha de qualquer posta de *peixe espada*, por lá distribuida, que conseguiu sanar todas as dificuldades, obtendo que o govêrno autorisasse uma importante verba para trabalhos públicos, onde os moliceiros empreguem os seus ocios e aufiram alguns interesses!...

Na pretendida intenção, porém, em que aquêle povo está de anular o regulamento da pesca, a verdadeira *causis belis* da questão, a escolha não podia ser mais acertada.

O sr. José Maria reune á sua grandiosa individualidade, que além de se distinguir com todo o brilhantismo se impôz com não menos direito não só á geração do seu tempo, mas a quantas se lhe tem seguido, reune, diziâmos, as qualidades indispensaveis pelo seu *formosissimo talento* para, entrando na câmara, magnetisal-a, por assim dizer, com a subida elevação e *fluencia oratoria* denunciadora do seu apurado tino...

Alguem, e parece que com fundados motivos, afirma que, todavia, as outras figuras politicas importantes da região, que entre nós residem, não aprovam a escolha do *grande mestre* e daí não se terem encorporado com os patricios, quando, de resto, juntos, assistiram,num camarote, á conferencia do sr. Brito Camacho, de quem, como todos sabem, José Maria é admirador e um dos seus mais seguros esteios... politicos...

No nosso modo de vêr, supômos que tal reprovação provém apenas de pequeninos odios e dissimuladas invejas que nada conseguirão...

A escolha é segura e admiravelmente feita.

Para a frente Zé Maria! O futuro é teu, pertence-te e... *deixal-os falar que êles calarão-se-ão...*

Juramento de bandeira

No quartel de infanteria 24 realizou-se no domingo, solénemente,o juramento de bandeira pelos recrutas da primeira instrução,assistindo muitas das familias dos soldados.

O quartel esteve á exposição durante todo o dia vendo-se ornamentadas quasi todas as suas dependencias inclusivé o refeitorio onde foi servido o rancho melhorado.

A banda fez-se ouvir de tarde dentro do edificio reinando o maior entusiasmo entre a guarnição.

Descanço nas pharmacias

Mappa das que se encontram abertas nos dias de domingo abaixo designados:

MAIO

DIAS	PHARMACIAS
4	BRITO
11	REIS
18	MOURA
25	LUZ

CORRESPONDENCIAS

Cacia, 1

Para se levarem a efeito, com pompa, as festas do Espirito Santo nos dias 10 e 11 do corrente, formou-se já uma comissão composta dos srs. Manuel Mateus, José Simões Dias Quintaneiro, Antonio Afonso da Silva, Manuel Dias Covo, Manuel Gonçalves Nunes, Manuel Rodrigues Brizida, João Simões Ferreira, Manuel Nunes Teixeira, Manuel Lopes, Francisco Rodrigues Costa, José Simões Carrêlo, Manuel Rodrigues da Béla e José Nunes da Silva, a qual se propõe realizar um programa surpreendente e atrativo.

=Esteve na sua casa de Sarrazola com curta demora o nosso prezado amigo sr. dr. Marques da Costa, deputado da nação.

=Por descuido deixâmos de referir na ultima correspondencia a morte do sr. José Rodrigues Sapateirinho a cuja familia enviâmos pêsames.

=Causaram tambem aqui sensação os ultimos acontecimentos de Lisboa. Principalmente entre alguns dos nossos correligionarios foram êles discutidos acaloradamente em vários pontos de reunião onde se encontravam.

Parece impossivel como se persista tão impensadamente numa obra que não honra nada os seus autores.

=Foi ávidamente lido por estes sitios o ultimo n.º do *Democrata* que publica o depoimento do antigo medico désta fregueźia, sr. dr. Afonso Viana, sobre os casos de que este intemérato jornal tem acusado o tenente miliciano Pereira da Cruz.

Sabemos que vai daqui no dia 9 muita gente assistir ao julgamento do sr Arnaldo Ribeiro a quem aproveitâmos o ensejo de felicitar pela sua campanha moralisadora.

C.